Capítulo 6: Japão

Ainda não contei isto: já tive três episódios maníacos graves. Dois aconteceram quando eu morava em LA, e um aconteceu no exterior, no Japão. Todos foram terríveis de maneiras únicas, mas o do Japão é o que ainda ressoa na minha família e nos meus amigos próximos, e é de longe o pior.

Falar português parece brincadeira de criança perto de falar japonês, e acho que isso é parte do que tornou esse episódio muito mais assustador. Eu não estava apenas no exterior. Eu estava o mais longe de casa que era possível, num lugar que é o oposto dos EUA em quase todos os aspectos.

Se você chegou até aqui, esta é a parte que eu não conto em primeiros encontros.

Todos os meus episódios tiveram um sintoma em comum: fico extremamente paranoico. No Japão, fiquei convencido de que os amigos da faculdade que tinham ido na viagem comigo estavam sendo controlados por gângsteres japoneses. Parei de entrar em contato com qualquer pessoa em casa porque tinha medo de que a máfia fizesse algo terrível com eles.

Acho que nunca contei esta próxima parte a ninguém. Eu também tinha me convencido de que uma gangue no Brasil sequestraria minha namorada, que morava no Rio, se eu tentasse entrar em contato com ela.

Não consigo lembrar por quantos dias fiquei naquele estado. Acho que foi uma semana ou mais. Lembro de carregar tudo o que eu tinha pela cidade de Tóquio, dormindo na rua por vários dias. Eu estava tão paranoico que nem conseguia usar meus cartões de crédito para pagar um quarto, porque achava que levariam todo o meu dinheiro, ou pior.

Só consegui voltar para casa quando confiei em um dos meus amigos o suficiente para pedir ajuda. Eu ainda estava extremamente paranoico, mas deixei a paranoia de lado e confiei nele para me ajudar naquela situação difícil. De certa forma, ele salvou a minha vida. Infelizmente, hoje nem somos mais amigos, e isso me entristece profundamente.

Também perdi o relacionamento com a garota com quem eu estava saindo na época. Ela é a que considero minha primeira namorada no exterior, e ela me deixou no vácuo e me bloqueou. Pensando agora, senti isso mais do que o episódio inteiro. Eu estava vivendo uma das piores experiências da minha vida e continuava preocupado com a segurança e o bem-estar dela, mesmo sendo eu quem estava em perigo. Fiquei em silêncio para protegê-la. Ela ouviu o silêncio e foi embora.

É muito fácil explicar socialmente uma noite de apagão de tanto beber. Há um motivo claro: você bebeu demais e não lembra o que fez. Talvez isso te renda o apelido de Cara do Beijo no Ombro, ou você entre numa briga com um familiar. No dia seguinte você fica sóbrio, reconhece o que aconteceu e tenta seguir em frente com os relacionamentos que possam ter sido afetados.

Um episódio maníaco não funciona assim, na minha experiência. A maioria das pessoas provavelmente acha que você é completamente maluco e que o seu lugar é num hospital. As que não pensam isso levam muito tempo para superar o trauma de ver você naquele estado. Eu entendo isso. Minha mãe e minha irmã sofreram muito.

Já contei essa história mais vezes do que consigo contar. Ela me custou um relacionamento, uma amizade e muito dinheiro. Mas eu não deixo isso ditar como vivo a minha vida. Também me ensinou uma coisa: até a sua família escolhida vai ter dificuldade de lidar com um episódio maníaco extremo. Isso vale para namorar e para ter uma parceira.

Não me importo nem um pouco de falar sobre essa experiência com qualquer pessoa, mas tem que ser pessoalmente.

Quero agradecer a todos que me ajudaram e pensaram em mim durante aquele período. Na época, eu não conseguia valorizar. Às vezes, no seu ponto mais baixo, você sente o amor dos outros com mais força. Gratidão especial à minha família e aos meus amigos próximos da faculdade.

Espero que a minha futura esposa leia este livro e entenda de verdade como era a minha vida antes de ela entrar nela.